

# HISTÓRIA GLOBAL DE PORTUGAL

DIREÇÃO

*Carlos Fiolhais*  
*José Eduardo Franco*  
*José Pedro Paiva*

COORDENAÇÃO

*João Luís Cardoso*  
*Carlos Fabião*  
*Bernardo Vasconcelos e Sousa*  
*Cátia Antunes*  
*António Costa Pinto*

TEMAS E DEBATES

# Sumário

Introdução geral	13
<i>Carlos Fiolhais, José Eduardo Franco e José Pedro Paiva</i>	
<b>I Pré-História e Proto-História</b>	
Introdução – Da humanização à aurora da escrita	23
<i>João Luís Cardoso</i>	
240 000-10 000 a.C. – Dos neandertais ao <i>Homo sapiens</i>	27
<i>João Cascalheira e Nuno Bicho</i>	
5500-4500 a.C. – A difusão da agricultura e dos animais domésticos	35
<i>António Faustino Carvalho</i>	
2700-1800 a.C. – A questão campaniforme: origem e difusão no decurso do terceiro milénio a.C.	41
<i>João Luís Cardoso</i>	
2000-800 a.C. – Comércio a longa distância na Idade do Bronze	47
<i>Raquel Vilaça</i>	
Séculos IX-V a.C. – Fenícios em Portugal	53
<i>Ana Margarida Arruda</i>	
<b>II Antiguidade</b>	
Introdução – A Antiguidade: continuidade e perenidade	63
<i>Carlos Fabião</i>	
218-19 a.C. – Os romanos na Península Ibérica: de terra de conquista a espaço provincial do império	69
<i>Carlos Fabião</i>	
155-139 a.C. – As guerras lusitanas e o verdadeiro Viriato	75
<i>Amílcar Guerra</i>	

Século II a.C.-século IV d.C. – No mercado do Império Romano <i>Catarina Viegas</i>	81
139 a.C.-14 d.C. – Alinhar com o império: a língua <i>Amílcar Guerra</i>	87
Século I a.C. – Onde acaba o mundo? <i>Amílcar Guerra</i>	93
Século I a.C. – A emergência das cidades <i>Catarina Viegas</i>	99
80 a.C. – Impactes das guerras civis romanas <i>Carlos Fabião</i>	105
16-15 a.C. – A fundação da província romana da Lusitânia <i>Catarina Viegas</i>	111
Século I a.C.-século II d.C. – Ameaças ambientais <i>Catarina Viegas</i>	117
17-23 – As marés segundo Estrabão <i>Amílcar Guerra</i>	123
Século I – Entre mares: uma constante histórico-geográfica <i>Carlos Fabião</i>	129
Século IV – A reforma administrativa do Império Romano <i>Pedro C. Carvalho</i>	135
409-411 – Chegam os bárbaros <i>Pedro C. Carvalho</i>	141
Segunda metade do século VI – Uma península unificada sob a égide dos godos <i>Carlos Fabião</i>	147
 III Idade Média	
Introdução – Uma Idade Média globalizante <i>Bernardo Vasconcelos e Sousa</i>	157
711 – Confronto e interação: o islão na Península Ibérica <i>Hermenegildo Fernandes</i>	163
844 – O que ficou da passagem dos viquingues? <i>Hélio Pires</i>	169
882 – A escrita à mão e a sua evolução <i>Maria José Azevedo Santos</i>	175
1089 – Do românico ao gótico: as formas estéticas <i>José Custódio Vieira da Silva</i>	181

1128 – Influências e relações externas num condado onde germinou um reino <i>Luís Carlos Amaral</i>	187
1128 – Combater em nome da fé: as ordens militares em Portugal <i>Luís Filipe Oliveira</i>	195
1140 – D. Afonso Henriques, <i>portugalensium rex</i> , filho de Teresa de Leão e de Henrique da Borgonha <i>António Resende de Oliveira e Bernardo Vasconcelos e Sousa</i>	203
1146 – Casar por amor à Coroa <i>Manuela Santos Silva</i>	209
1147 – Lisboa: da conquista a cabeça do reino <i>Amélia Aguiar Andrade e Maria João Branco</i>	215
1153 – Uma religião sem fronteiras: as ordens religiosas <i>João Luís Inglês Fontes</i>	221
1174 – A língua que os portugueses falavam e escreviam <i>António Manuel Ribeiro Rebelo</i>	227
1196 – Da literatura latina à literatura portuguesa <i>António Resende de Oliveira</i>	233
1231 – De Fernando Martins a Santo António de Lisboa, um santo para o mundo <i>Eleonora Lombardo e José Francisco Meirinhos</i>	239
1276 – João XXI, clérigo português, pastor universal <i>Armando Norte</i>	245
1290 – Uma universidade que viria a ter projeção global <i>Saul António Gomes</i>	251
1293 – A Bolsa dos Mercadores: os portos, o rei e o comércio português nas redes europeias <i>Amândio J. M. Barros</i>	257
1297 – O Tratado de Alcanices e a instituição da fronteira com vizinhos ameaçadores <i>J. A. de Sottomayor-Pizarro</i>	263
1348 – Peste negra: o flagelo que foi quase «global» <i>Maria Helena da Cruz Coelho</i>	269
1385 – Aljubarrota: um inimigo ancestral, uma aliança antiga e o reforço da identidade do país <i>João Gouveia Monteiro</i>	277
1415 – Abrem-se novos horizontes. A conquista de Ceuta e o mar <i>Luís Miguel Duarte</i>	283

## IV Época Moderna

Introdução – Época Moderna: precocidade e proeminência de Portugal nas dinâmicas globais	293
<i>Cátia Antunes</i>	
1425 – Madeira: povoamento, açúcar e escravos	299
<i>Mariana P. Candido</i>	
1434 – Passagem do Bojador: a abertura de novos horizontes	305
<i>Amélia Polónia</i>	
1468 – Monopólio da Guiné: exploração económica pluricontinental	311
<i>Susana Münch Miranda</i>	
1494 – O Tratado de Tordesilhas: uma nova visão do Atlântico que desembocaria numa partilha dos mares	317
<i>Francisco Contente Domingues</i>	
1496 – A expulsão dos judeus: a diáspora das diásporas	323
<i>José Alberto Rodrigues da Silva Tavim</i>	
1498-1500 – Calecute e Porto Seguro: a génese da pluricontinentalidade	329
<i>Edgar Cravo Bertrand Pereira</i>	
1502 – Arzila, Ceuta, Tânger e Alcácer Ceguer: o fenómeno global das Misericórdias	335
<i>Isabel dos Guimarães Sá</i>	
1502 – O planisfério de Cantino: um modelo de representação do mundo	341
<i>Joaquim Alves Gaspar</i>	
1509 – O arroz em Santarém e a globalização dos produtos alimentícios	347
<i>Isabel Drumond Braga</i>	
1514 – Uma religião para o mundo. Padroado régio e uma diocese pluricontinental	353
<i>José Pedro Paiva</i>	
1517 – Revoltam-se os escravos em São Tomé	361
<i>Filipa Ribeiro da Silva</i>	
1519 – Fernão de Magalhães e a primeira viagem à volta do mundo	367
<i>Rui Manuel Loureiro</i>	
1536 – A Inquisição chega a Portugal	373
<i>Francisco Bethencourt</i>	
1540 – Os jesuítas e a primeira base de dados global	379
<i>José Eduardo Franco</i>	
1541 – Mazagão: uma revolução arquitetónica	385
<i>Walter Rossa</i>	

1563 – <i>Colóquios dos Simples</i> ou a globalização da imprensa de caracteres móveis e do conhecimento	391
<i>Palmira Fontes da Costa</i>	
1572 – Camões, as armas, as letras e o choque de civilizações	397
<i>Diogo Ramada Curto</i>	
1580 – União das Coroas, união do mundo	403
<i>Rafael Valladares</i>	
1582 – O calendário gregoriano: globalizar a marcação do tempo	409
<i>Henrique Leitão e José Madruga Carvalho</i>	
1614 – A Revolução Científica chega à Ásia	415
<i>Carlos Fiolhais</i>	
1640-1648 – A rutura luso-espanhola e os tratados de Vestefália. Mudança de uma ordem mundial?	421
<i>Pedro Cardim</i>	
1645 – Insurreição pernambucana e rejeição do globalismo	427
<i>Bruno Miranda e Kleber Clementino</i>	
1680 – Instauração da Colónia do Sacramento	433
<i>Tamar Herzog</i>	
1703 – Tratado de Methuen	439
<i>Cátia Antunes e João Paulo Salvado</i>	
1717 – O Palácio de Mafra ou uma visão global do barroco	445
<i>Luís de Moura Sobral</i>	
1727 – A Maçonaria chegou a Portugal	453
<i>António Ventura</i>	
1732 – Preocupações do Conselho Ultramarino: o declínio da diáspora portuguesa no mundo	461
<i>Noelle Richardson</i>	
1755 – O grande terramoto de Lisboa e a História	467
<i>Mariana Françaço</i>	
1756 – Demarcação da região do vinho do Porto	475
<i>Gaspar Martins Pereira</i>	
1759-1773 – A supressão da Companhia de Jesus	481
<i>José Vicente Serrão</i>	
1807 – A transferência da corte régia portuguesa para o Brasil	487
<i>Laura de Mello e Souza</i>	

## V Época Contemporânea

Introdução — Portugal contemporâneo: um caso de resistência e adesão a dinâmicas globais	497
<i>António Costa Pinto</i>	
1822 — O global e o específico na independência do Brasil	503
<i>Fernando Catroga</i>	
1823 — D. Miguel e o miguelismo	511
<i>Maria Alexandre Lousada</i>	
1834 — A institucionalização do protestantismo em Portugal	519
<i>Timóteo Cavaco</i>	
1867 — Abolição da pena de morte	525
<i>Rui de Figueiredo Marcos</i>	
1884 — Portugal na Conferência de Berlim	533
<i>Hugo Gonçalves Dores e Miguel Bandeira Jerónimo</i>	
1908 — Impacte internacional do regicídio de D. Carlos	539
<i>Paulo Jorge Fernandes</i>	
1910 — Revolução republicana	545
<i>José Miguel Sardica</i>	
1911 — Vilegiatura e turismo da Madeira ao Algarve	553
† <i>Alberto Vieira</i>	
1914 — Amadeo, os Delaunay e o modernismo	559
<i>Joana Brites</i>	
1916 — Portugal e a Grande Guerra: a vitória com sabor a derrota	565
<i>Nuno Severiano Teixeira</i>	
1917 — Fátima, santuário global	573
<i>Marco Daniel Duarte</i>	
1933 — O salazarismo e as ditaduras de entreguerras	579
<i>Rita Almeida de Carvalho</i>	
1934 — O bacalhau: nexos globais de um mito nacional	585
<i>Álvaro Garrido</i>	
1940 — Um mundo português em exposição	593
<i>Annarita Gori</i>	
1949 — Egas Moniz, um Nobel que deixou escola	599
<i>Carlos Fiolhais</i>	
1949 — Portugal e a NATO: o reencontro com uma opção atlântica	605
<i>Nuno Severiano Teixeira</i>	

## SUMÁRIO

1955 — Portugal no «parlamento do mundo» <i>Fernando Martins</i>	611
1961 — Portugal como Estado pária nas guerras coloniais tardias <i>Bruno Cardoso Reis</i>	617
1966 — Eusébio, o lusotropicalismo e a globalização dos ídolos desportivos <i>Nuno Domingos</i>	625
1974 — 25 de Abril, a transição para a democracia <i>Maria Inácia Rezola</i>	633
1986 — Adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia <i>José Luís Cardoso</i>	639
1988 — Da internacionalização da literatura portuguesa: Pessoa, Saramago e Lobo Antunes <i>Onésimo Teotónio Almeida</i>	645
2011 — Emigração portuguesa: cruzamentos globais <i>Rui Carita</i>	653
<b>Agradecimentos</b>	659
<b>Organigrama Institucional</b>	661



## Introdução geral

O conceito de globalização, termo muito recente no vocabulário universal, passou a ocupar um lugar central nos alvares do século XXI. De facto, a moderna globalização – reforço de um fenómeno cujos primeiros e ténues traços têm raízes seculares – provocou resultados que a todos interpelam, levando a requestionar percepções e identidades de indivíduos, países, regiões e, no limite, de todo o planeta, que é, afinal, a pátria comum da humanidade. A interconectividade entre os numerosos espaços disseminados pelo globo que os homens habitam, assim como o consequente processo de uniformização e miscigenação do mundo, que se acentuaram no século XIX e, de forma mais evidente, no século XX, impõem-se às nossas reflexões.

A radical e vertiginosa transformação que a recente globalização está a provocar, alavancada, entre outros fatores, pelas tecnologias digitais de comunicação, tem antecedentes históricos. Entre eles, nos séculos XV e XVI, avultam as viagens marítimas protagonizadas pelos navegadores ao serviço das Coroas portuguesa e hispânica. Sulcando os mares ignotos, em particular o Atlântico, via de comunicação até então praticamente indomável – uma vez que o Índico já era navegado, antes de Quinhentos, por muitos navios árabes e, sobretudo, pelas embarcações chinesas comandadas por Zheng He no início do século XV –, os europeus estilhaçaram as fronteiras do conhecimento da época. Nas fascinantes palavras do matemático quinhentista Pedro Nunes, «descobriram novas ilhas, novas terras, novos mares, novos povos, e, o que mais é, novo céu e novas estrelas». Enfim, rasgaram-se os caminhos para um mundo novo, permitindo à humanidade, pela primeira vez na sua história, adquirir cons-

ciência da sua dimensão planetária. Desde então, a ritmos cada vez mais intensos até ao presente, o mundo desencravou-se, ou «abriu-se ao próprio mundo», no dizer epigramático do jesuíta seiscentista António Vieira.

No final do século XIX, as invenções do telégrafo elétrico e, depois, do telégrafo sem fios permitiram expandir a comunicação de informação no mundo, processo que, desde o final do século XX, a revolução informática e das telecomunicações acelerou a ritmos alucinantes. Ao mesmo tempo, as viagens humanas tornaram-se progressivamente mais fáceis, tanto por terra e por mar como, afirmando-se como novidade, por ar. Hoje, a «Aldeia Global» proclamada pelo canadiano Marshall McLuhan, nos anos 60 da centúria passada, instiga tendências culturais, comportamentos e modos de vida, e também altera os paradigmas clássicos de construção do conhecimento. As diversas comunidades humanas nos vários continentes encontram no ciberespaço uma praça que partilham.

Desde os finais do século XX, a História tem sido um dos domínios do conhecimento em que as mutações provocadas pela globalização começaram a afirmar-se, transformando o viés analítico do passado. A aldeia, a cidade, a região, o país, o continente, até então perspetivados na contingência de barreiras mentais e culturais, mas também de obstáculos tangíveis que os enclausuravam, passaram a ser entendidos nas entrelaçadas dinâmicas em que se encadeavam, com uma intensidade até então nunca vista, num mundo cada vez mais interligado.

O surgimento, em 2006, do *Journal of Global History* (Cambridge University Press) foi um marco inequívoco desta tendência, depois conhecida por *global turn*, que trouxe para o horizonte dos historiadores categorias decisivas para se entender o mundo a uma escala global, como são as de miscigenação, conversão cultural e história conectada. Anteriormente, através dos velhos manuais escolares, que refletiam o que se produzia nas academias, aprendia-se a conhecer a história de um país. Adotava-se uma perspetiva eminentemente nacional, centrada no Estado-nação, como relembra, em 2017, Jeremy Adelman, professor da Universidade de Princeton, num texto suscitador de polémica intitulado «What is global history now?». O ponto de partida era a configuração de fronteiras rígidas e aparentemente

fechadas, que pressupunham um certo território cultural, mental, espiritual e simbólico, que estava acantonado na terra onde se nascera. Por este prisma epistemológico, primeiro estudava-se a história pátria, eventualmente acumulando-a com a de outras pátrias, normalmente olhadas da janela indígena de onde se espreitava. Cada nação era um umbigo do mundo, sendo o resto uma paisagem necessariamente secundária e ignorada, ou um campo de projeção das vanglórias nacionais. Além da pátria, existia um conjunto de países com os quais se estabeleciam relações de cooperação, transação, influência, domínio, conflito, separação, negação ou, nalguns casos, acolhimento. A história era conhecida de forma bipolar, dualista: existíamos nós e os outros. E os outros eram muitas vezes vistos de modo maniqueísta: os povos amigos e os povos inimigos. Nos casos mais extremos, a história nacional, ou até a local, era concebida e ensinada como uma realidade quase autónoma em relação à história do mundo, com uma vida imaginariamente separada, isto é, que podia ser explicada como se nada mais existisse ou, existindo, como se essa existência não fosse determinante para a entender.

Na historiografia portuguesa, este padrão foi quebrado de forma clara com os estudos de Vitorino Magalhães Godinho. O insigne historiador, sobretudo através do inovador conceito de complexo histórico-geográfico, já rasgara novos horizontes e entendera bem como, mormente a partir dos séculos xv-xvi, estavam a criar-se densas redes de relações que tanscendiam as fronteiras nacionais (e europeias), assistindo-se à emergência do que já classificara, em *Os Descobrimentos e a Economia Mundial* (1961), como um «mercado à escala do mundo».

Pesem embora os debates críticos que têm emergido, de que o texto de Jeremy Adelman é um exemplo, na atualidade, como lembrava, já em 2004, o britânico Christopher Bayly, num livro que transformou paradigmas historiográficos – *The Birth of the Modern World 1780-1914* –, todos fazemos história global, mesmo que, por vezes, disso não nos apercebamos. Este novo ideário historiográfico do tempo da globalização não se confunde nem com o da anterior história mundial, nem com o da história comparada, embora desta retire perspetivas e métodos. Conforme a definiu o alemão Sebastian Conrad no livro dado à estampa, em 2016, pela Princeton University Press e publicado em português em 2019, com a clareza e a simplicidade só alcançá-

veis por quem domina com densidade os assuntos que trata, a história global é «uma forma de análise histórica na qual os fenómenos, os acontecimentos e os processos são colocados num contexto global». A história global é, por conseguinte, muito diferente do conjunto sobreposto das histórias nacionais.

Para melhor compreender os dinamismos provocados pelas interconexões e interações transnacionais, é imprescindível ter presente que, neste âmbito, o trabalho do historiador não consiste, continuando a seguir Sebastian Conrad, em «escrever uma história total do planeta», explorando um determinado movimento, religioso, cultural, político ou outro. Deve-se antes ter «em mente as conexões globais e as condições estruturais», para tentar compreender as dominantes de longuíssima duração e as suas mudanças em momentos de charneira que, em geral, desabrocham depois de uma grande maturação. De facto, como lembra o historiador alemão, a «história global não é sinónimo de “macro-história”». Muitas vezes na história global os problemas mais interessantes surgem no ponto de interseção entre os processos globais e as suas manifestações locais». É no entrelaçamento entre o global e o local que germinam as questões mais instigantes, sendo necessário discernir entre tendências globais e realizações locais, naturalmente muito diferenciadas.

Esta perspetiva foi bem sublinhada num texto publicado em finais de 2019, da autoria de John-Paul Ghobrial, professor da Universidade de Oxford, que serve de introdução a um riquíssimo número temático da prestigiada revista *Past & Present*. Com ele, o autor demonstrou como, apesar das críticas oriundas de muitos sectores, a história global tem não só resistido como tem animado o debate no campo historiográfico. Dedicados a aprofundar os caminhos da história global e das suas possíveis articulações com a micro-história, os diversos textos que integram este volume comprovam que só usando simultaneamente visões micro e macro é possível analisar e perceber os impactes locais de fenómenos universais e vice-versa. Parafraseando o historiador norte-americano Tonio Andrade, no artigo que publicou, em 2010, no *Journal of World History*, intitulado «A chinese farmer, two african boys and a warlord. Toward a global microhistory», é proveitoso adotar perspetivas oriundas da micro-história e da biografia para «povoar os modelos, as teorias, as estruturas globais com pessoas», ou seja, para produzir «micro-história global».

Fazer história global, portanto, não significa desvalorizar um sólido conhecimento do local e do factual nem deixar de reconhecer que é a esta escala, não esquecendo a atuação dos indivíduos, e neste tipo de contexto que, muitas vezes, ocorrem dinâmicas cruciais para perceber a mudança, a rutura e as continuidades. Consequentemente, sem um detalhado e rigoroso conhecimento dos acontecimentos à escala local e sem o recurso aos documentos guardados nos arquivos, eles próprios resultantes de construções históricas de viés local e nacional, jamais se poderá fazer boa história, comporte ela perspectivas globais, atentas à circulação e à integração de ideias e processos germinados noutros locais, ou não. Daí que nesta *História Global de Portugal* se tenha pedido a especialistas dos locais, dos factos e das pessoas abordados para repensarem e comporem os seus conhecimentos de um ponto de vista aberto, não fechado sobre esses mesmos espaços, acontecimentos e personagens.

À luz destas tendências, os países, as regiões, as cidades e as aldeias já não são considerados espaços fechados nas suas fronteiras, antes devem ser perspectivados como plataformas territoriais tomadas na extensíssima duração do processo de humanização, desde as primeiras comunidades humanas – que deixaram multiformes e esbatidos traços que recentes investigações arqueológicas, muito mais sofisticadas, permitiram desvendar – até às novas vagas migratórias, que, apesar de gerarem atávicas tendências de alteamento de muros destinados a contê-las, obrigam a relativizar os limites que anteriormente separavam a humanidade em quadrículas nacionais, regionais e até urbanas e aldeãs.

As nações são entidades jovens, que se definiram e consolidaram apenas no século XIX. Mas os territórios circunscritos pela sua definição formam o palco por onde passaram e no qual atuaram, ao longo de milénios, povos, etnias, clãs, tribos, senhorios, reinos, impérios, repúblicas, que circularam e se fixaram independentemente das atuais fronteiras. A história global tem milénios, ao passo que a história das nações não tem mais do que alguns séculos.

O território onde na atualidade se inscreve Portugal, apesar de exibir uma das fronteiras mais antigas da Europa (tendo sofrido apenas ligeiras oscilações nos últimos oito séculos), foi, como praticamente todos os outros, atravessado, durante milhares de anos, pela circulação dinâmica de diferentes povos. Estes, desde a protoglobalização pré-histórica, como a define o

francês Edgar Morin na sua obra *Penser Global*, editada em 2015, circularam pelos continentes seguindo os ritmos de ciclos climatéricos. O *locus* que atualmente designa Portugal foi ponto de chegada e de partida de gentes, culturas, línguas, ideias, tendências de gosto, comportamentos, crenças, instituições, produtos que sempre foram variáveis e que aqui e nos ubíquos lugares onde chegaram imprimiram sinais de miscigenação plurimodal, que foram enriquecendo as cores do mundo, mas também provocando disrupções, violência, tantas vezes guerra, sofrimento e fenómenos de resistência.

Nesta senda, despontou nas duas últimas décadas, em vários países, uma reflexão acutilante sobre a história global, que impõe a necessidade de repensar o passado. Foi esta reflexão epistemológica que fez emergir, no campo historiográfico, novas histórias globais de várias nações. Assim, em 2017, vieram a lume as histórias mundiais da França e da Itália, a que se seguiram, em 2018, perspectivas similares na Holanda e na Espanha. Também na América já tinham sido publicados livros que abordavam a história global dos Estados Unidos.

Este volume não pôde deixar de se inspirar nesses outros que o precederam, seja na perspectiva que assumiu, seja na própria estrutura da obra. Esta é composta por 93 textos, agrupados em cinco blocos cronológicos: Pré-História e Proto-História (com coordenação científica de João Luís Cardoso), Antiguidade (coordenado cientificamente por Carlos Fabião), Idade Média (sob coordenação de Bernardo Vasconcelos e Sousa), Época Moderna (a cargo de Cátia Antunes) e Época Contemporânea (da responsabilidade científica de António Costa Pinto). Os textos partem de um acontecimento, criteriosamente escolhido pelos diretores da obra e pelos responsáveis científicos de cada uma das épocas, que é lido à luz dos preceitos que acima se expuseram. Em cada secção, há uma breve introdução, assinada pelos responsáveis científicos, cujo fito é explicitar a coerência das escolhas dos acontecimentos e propor uma leitura de conjunto decorrente dos contributos fornecidos pelos diversos textos.

Esta *História Global de Portugal* pretende, pois, oferecer um conhecimento crítico, mediante um exercício de síntese analítica, que permita produzir uma visão de conjunto da história que, tendo tido a sua génese no território português ou por ele tendo passado, estimulou os processos de encontro e desen-

contro do mundo global hodierno. É um Portugal em contacto com o(s) mundo(s), recebendo e exercendo influências que as fronteiras físicas e mentais não conseguiram barrar, que interessa aqui considerar. Será uma história, tanto quanto possível, descentrada da ótica nacional, a partir da qual fomos habituados e nos habituámos a conhecer o nosso passado. Nesta obra, olha-se com especial atenção para o mundo que moldou Portugal e os portugueses, e para o Portugal que configurou o mundo. Procura-se identificar e compreender as várias transversalidades de impacte histórico e os impulsos que elas deram à construção do país e do mundo. Um e outro são hoje o resultado de múltiplos cruzamentos. Como melhor se perceberá ao ler os textos que ora se disponibilizam, até aos séculos XIV-XV parece ter havido neste território do extremo ocidental da Europa, que nunca esteve totalmente enclausurado em si mesmo, mais influxos de receção do que de irradiação de novidades. Depois, entre os meados do século XV e o século XVI, esse padrão modificou-se, e despontaram, no que então já era Portugal, inúmeros sinais inovadores que desencadearam mudanças por todo o mundo. Posteriormente, a tendência voltou a ser mais para receber do que para criar e semear novidades.

Este projeto conta com a colaboração de perto de oitenta autores, que trabalham não só em Portugal como por todo o globo, portugueses e não portugueses, especialistas nas mais diversas subáreas da História, como história política, história institucional, história geográfica, história cultural, história da ciência, história económica, história social, história da arte, história religiosa, entre outras. Com eles, convidamos o leitor a construir uma visão não paroquial da história de Portugal, aprendendo que hoje não se pode perceber a história de um local, mesmo que seja um país antigo, ignorando o mundo com o qual ele foi sempre interagindo.

Portugal é o resultado de incontáveis dinâmicas de diálogo e de choque com outros lugares. E o mundo tem traços das mediações que os habitantes do espaço de Portugal espalharam. É esta fascinante história que aqui se pretende contar para melhor percebermos quem somos e o mundo em que vivemos.

*Carlos Fiolhais*  
*José Eduardo Franco*  
*José Pedro Paiva*